

## **Pedra Filosofal**

Eles não sabem que o sonho  
é uma constante da vida  
tão concreta e definida  
como outra coisa qualquer,  
como esta pedra cinzenta  
em que me sento e descanso,  
como este ribeiro manso  
em serenos sobressaltos,  
como estes pinheiros altos  
que em verde e oiro se agitam,  
como estas aves que gritam  
em bebedeiras de azul.

Eles não sabem que o sonho  
é vinho, é espuma, é fermento,  
bichinho álaçre e sedento,  
de focinho pontiagudo,  
que fossa através de tudo  
num perpétuo movimento.

Eles não sabem que o sonho  
é tela, é cor, é pincel,  
base, fuste, capitel,  
arco em ogiva, vitral,  
pináculo de catedral,  
contraponto, sinfonia,  
máscara grega, magia,  
que é retorta de alquimista,  
mapa do mundo distante,  
rosa-dos-ventos, Infante,  
caravela quinhentista,  
que é Cabo da Boa Esperança,  
ouro, canela, marfim,  
florete de espadachim,  
bastidor, passo de dança,  
Colombina e Arlequim,  
passarola voadora,  
pára-raios, locomotiva,  
barco de proa festiva,  
alto-forno, geradora,  
cisão do átomo, radar,  
ultra-som, televisão,  
desembarque em foguetão  
na superfície lunar.

Eles não sabem, nem sonham,  
que o sonho comanda a vida.  
Que sempre que um homem sonha  
o mundo pula e avança  
como bola colorida  
entre as mãos de uma criança.

in 'Movimento Perpétuo'

### **Amador sem coisa amada**

Resolvi andar na rua  
com os olhos postos no chão.  
Quem me quiser que me chame  
ou que me toque com a mão.

Quando a angústia embaciar  
de tédio os olhos vidrados,  
olharei para os prédios altos,  
para as telhas dos telhados.

Amador sem coisa amada,  
aprendiz colegial.  
Sou amador da existência,  
não chego a profissional.

### **Poema do alegre desespero**

Compreende-se que lá para o ano três mil e tal  
ninguém se lembre de certo Fernão barbudo  
que plantava couves em Oliveira do Hospital,

ou da minha virtuosa tia-avó Maria das Dores  
que tirou um retrato toda vestida de veludo  
sentada num canapé junto de um vaso com flores.

Compreende-se.

E até mesmo que já ninguém se lembre que houve três impérios no Egito  
(o Alto Império, o Médio Império e o Baixo Império)  
com muitos faraós, todos a caminharem de lado e a fazerem tudo de perfil,  
e o Estrabão, o Artaxerpes, e o Xenofonte, e o Heraclito,  
e o desfiladeiro das Termópilas, e a mulher do Péricles, e a retirada dos dez mil,  
e os reis de barbas encaracoladas que eram senhores de muitas terras,  
que conquistavam o Lácio e perdiam o Épiro, e conquistavam o Épiro e perdiam o Lácio,

e passavam a vida inteira a fazer guerras,  
e quando batiam com o pé no chão faziam tremer todo o palácio,  
e o resto tudo por aí fora,  
e a Guerra dos Cem Anos,

e a Invencível Armada,  
e as campanhas de Napoleão,  
e a bomba de hidrogénio,  
e os poemas de António Gedeão.

Compreende-se.

Mais império menos império,  
mais faraó menos faraó,  
será tudo um vastíssimo cemitério,  
cacos, cinzas e pó.

Compreende-se.

Lá para o ano três mil e tal.

E o nosso sofrimento para que serviu afinal?

### **Amor sem tréguas**

É necessário amar,  
qualquer coisa, ou alguém;  
o que interessa é gostar  
não importa de quem.

Não importa de quem,  
nem importa de quê;  
o que interessa é amar  
mesmo o que não se vê.

Pode ser uma mulher,  
uma pedra, uma flor,  
uma coisa qualquer,  
seja lá do que for.

Pode até nem ser nada  
que em ser se concretize,  
coisa apenas pensada,  
qua a sonhar se precise.

Amar por claridade,  
sem dever a cumprir;  
uma oportunidade  
para olhar e sorrir.

## **Dez reis de esperança**

Se não fosse esta certeza  
que nem sei de onde me vem,  
não comia, nem bebia,  
nem falava com ninguém.  
Acocorava-me a um canto,  
no mais escuro que houvesse,  
punha os joelhos à boca  
e viesse o que viesse.  
Não fossem os olhos grandes  
do ingénuo adolescente,  
a chuva das penas brancas  
a cair impertinente,  
aquele incógnito rosto,  
pintado em tons de aguarela,  
que sonha no frio encosto  
da vidraça da janela,  
não fosse a imensa piedade  
dos homens que não cresceram,  
que ouviram, viram, ouviram,  
viram, e não perceberam,  
essas máscaras selectas,  
antologia do espanto,  
flores sem caule, flutuando  
no pranto do desencanto,  
se não fosse a fome e a sede  
dessa humanidade exangue,  
roía as unhas e os dedos  
até os fazer em sangue.

## **Abaixo o mistério da poesia**

Enquanto houver um homem caído de bruços no passeio  
E um sargento que lhe volta o corpo com a ponta do pé  
Para ver quem é,  
Enquanto o sangue gorgolejar das artérias abertas  
E correr pelos interstícios das pedras, pressuroso e vivo como vermelhas minhocas  
Despertas;  
Enquanto as crianças de olhos lívidos e redondos como luas,  
Órfãos de pais e mães,  
Andarem acossados pelas ruas  
Como matilhas de cães;  
Enquanto as aves tiverem de interromper o seu canto  
Com o coraçãozinho débil a saltar-lhes do peito fremente,  
Num silêncio de espanto  
Rasgado pelo grito da sereia estridente;  
Enquanto o grande pássaro de fogo e alumínio

Cobrir o mundo com a sombra escaldante das suas asas  
Amassando na mesma lama de extermínio  
Os ossos dos homens e as traves das suas casas;  
Enquanto tudo isso acontecer, e o mais que se não diz por ser verdade,  
Enquanto for preciso lutar até ao desespero da agonia,  
O poeta escreverá com alcatrão nos muros da cidade:

## ABAIXO O MISTÉRIO DA POESIA

### **Gota de água**

Eu, quando choro,  
não choro eu.  
Chora aquilo que nos homens  
em todo o tempo sofreu.  
As lágrimas são as minhas  
mas o choro não é meu.

### **Mãezinha**

A terra de meu pai era pequena  
e os transportes difíceis.  
Não havia comboios, nem automóveis, nem aviões, nem mísseis.  
Corria branda a noite e a vida era serena.

Segundo informação, concreta e exacta,  
dos boletins oficiais,  
viviam lá na terra, a essa data,  
3023 mulheres, das quais  
43 por cento eram de tenra idade,  
chamando tenra idade  
à que vai desde o berço até à puberdade.  
28 por cento das restantes  
eram senhoras, daquelas senhoras que só havia dantes.  
Umas, viúvas, que nunca mais (Oh nunca mais!) tinham sequer sorrído  
desde o dia da morte do extremoso marido;  
outras, senhoras casadas, mães de filhos...  
(De resto, as senhoras casadas,  
pelas suas próprias condições,  
não têm que ser consideradas  
nestas considerações.)

Das outras, 10 por cento,  
eram meninas casadoiras, seriíssimas, discretas,  
mas que, por temperamento,  
ou por outras razões mais ou menos secretas,  
não se inclinavam para o casamento.

Além destas meninas  
havia, salvo erro, 32,  
que à meiga luz das horas vespertinas  
se punham a bordar por detrás das cortinas  
espreitando, de revés, quem passava nas ruas.

Dessas havia 9 que moravam  
em prédios baixos como então havia,  
um aqui, outro além, mas que todos ficavam  
no troço habitual que meu pai percorria,  
tranquilamente, no maior sossego,  
às horas em que entrava e saía do emprego.

Dessas 9 excelentes raparigas  
Uma fugiu com o criado da lavoura;  
5 morreram novas, de bexigas;  
outra, que veio a ser grande senhora,  
teve as suas fraquezas mas casou-se  
e foi condessa por real mercê;  
outra suicidou-se  
não se sabe porquê.

A que sobeja  
Chamava-se Rosinha.  
Foi essa a que meu pai levou à igreja.  
Foi a minha mãezinha.

in 'Antologia Poética'

### **Poema para Galileo**

Estou olhando o teu retrato, meu velho pisano,  
aquele teu retrato que toda a gente conhece,  
em que a tua bela cabeça desabrocha e floresce  
sobre um modesto cabeção de pano.  
Aquele retrato da Galeria dos Ofícios da tua velha Florença.  
(Não, não, Galileo! Eu não disse Santo Ofício.  
Disse Galeria dos Ofícios.)  
Aquele retrato da Galeria dos Ofícios da requintada Florença.  
Lembras-te? A Ponte Vecchio, a Loggia, a Piazza della Signoria...  
Eu sei... Eu sei...  
As margens doces do Arno às horas pardas da melancolia.  
Ai que saudade, Galileo Galilei!

Olha. Sabes? Lá em Florença  
está guardado um dedo da tua mão direita num relicário.  
Palavra de honra que está!  
As voltas que o mundo dá!  
Se calhar até há gente que pensa

que entraste no calendário.  
Eu queria agradecer-te, Galileo,  
a inteligência das coisas que me deste.  
Eu,  
e quantos milhões de homens como eu  
a quem tu esclareceste,  
ia jurar – que disparte, Galileo!  
– e jurava a pés juntos e apostava a cabeça  
sem a menor hesitação –  
que os corpos caem tanto mais depressa  
quanto mais pesados são.

Pois não é evidente, Galileo?  
Quem acredita que um penedo caia  
com a mesma rapidez que um botão de camisa ou que um seixo da praia?

Esta era a inteligência que Deus nos deu.

Estava agora a lembrar-me, Galileo,  
daquela cena em que tu estavas sentado num escabelo  
e tinhas à tua frente  
um friso de homens doutos, hirtos, de toga e de capelo  
a olharem-te severamente.  
Estavam todos a ralhar contigo,  
que parecia impossível que um homem da tua idade  
e da tua condição,  
se tivesse tornado num perigo  
para a Humanidade  
e para a Civilização.  
Tu, embaraçado e comprometido, em silêncio mordiscavas os lábios,  
e percorrias, cheio de piedade,  
os rostos impenetráveis daquela fila de sábios.

Teus olhos habituados à observação dos satélites e das estrelas,  
desceram lá das suas alturas  
e poisaram, como aves aturdidas – parece-me que estou a vê-las –,  
nas faces grávidas daquelas reverendíssimas criaturas.  
E tu foste dizendo a tudo que sim, que sim senhor, que era tudo tal qual  
conforme suas eminências desejavam,  
e dirias que o Sol era quadrado e a Lua pentagonal  
e que os astros bailavam e entoavam  
à meia-noite louvores à harmonia universal.  
E juraste que nunca mais repetirias  
nem a ti mesmo, na própria intimidade do teu pensamento, livre e calma,  
aquelas abomináveis heresias  
que ensinavas e escrevias  
para eterna perdição da tua alma.  
Ai Galileo!  
Mal sabiam os teus doutos juízes, grandes senhores deste pequeno mundo,  
que assim mesmo, empertigados nos seus cadeirões de braços,

andavam a correr e a rolar pelos espaços  
à razão de trinta quilómetros por segundo.  
Tu é que sabias, Galileo Galilei.  
Por isso eram teus olhos misericordiosos,  
por isso era teu coração cheio de piedade,  
piedade pelos homens que não precisam de sofrer, homens ditosos  
a quem Deus dispensou de buscar a verdade.  
Por isso estoicamente, mansamente,  
resististe a todas as torturas,  
a todas as angústias, a todos os contratempos,  
enquanto eles, do alto inacessível das suas alturas,  
foram caindo,  
caindo,  
caindo,  
caindo sempre,  
e sempre,  
ininterruptamente,  
na razão directa do quadrado dos tempos.

in 'Linhas de Força'

## **Viagem**

Aparelhei o barco da ilusão  
E reforcei a fé de marinheiro.  
Era longe o meu sonho, e traiçoeiro  
O mar...  
(Só nos é concedida  
Esta vida  
Que temos;  
E é nela que é preciso  
Procurar  
O velho paraíso  
Que perdemos).  
Prestes, larguei a vela  
E disse adeus ao cais, à paz tolhida.  
Desmedida,  
A revolta imensidão  
Transforma dia a dia a embarcação  
Numa errante e alada sepultura...  
Mas corto as ondas sem desanimar.  
Em qualquer aventura,  
O que importa é partir, não é chegar.



## **Calçada de Carriche**

Luísa sobe,  
sobe a calçada,  
sobe e não pode  
que vai cansada.  
Sobe, Luísa,  
Luísa, sobe,  
sobe que sobe  
sobe a calçada.  
Saiu de casa  
de madrugada;  
regressa a casa  
é já noite fechada.  
Na mão grosseira,  
de pele queimada,  
leva a lancheira  
desengonçada.  
Anda, Luísa,  
Luísa, sobe,  
sobe que sobe,  
sobe a calçada.  
Luísa é nova,  
desenxovalhada,  
tem perna gorda,  
bem torneada.  
Ferve-lhe o sangue  
de afogueada;  
saltam-lhe os peitos  
na caminhada.  
Anda, Luísa.  
Luísa, sobe,  
sobe que sobe,  
sobe a calçada.  
Passam magalas,  
rapaziada,  
palpam-lhe as coxas  
não dá por nada.  
Anda, Luísa,  
Luísa, sobe,  
sobe que sobe,  
sobe a calçada.  
Chegou a casa  
não disse nada.  
Pegou na filha,  
deu-lhe a mamada;  
bebeu a sopa  
numa golada;  
lavou a loiça,  
varreu a escada;

deu jeito à casa  
desarranjada;  
coseu a roupa  
já remendada;  
despiu-se à pressa,  
desinteressada;  
caiu na cama  
de uma assentada;  
chegou o homem,  
viu-a deitada;  
serviu-se dela,  
não deu por nada.

Anda, Luísa.

Luísa, sobe,  
sobe que sobe,  
sobe a calçada.  
Na manhã débil,  
sem alvorada,  
salta da cama,  
desembestada;  
puxa da filha,  
dá-lhe a mamada;  
veste-se à pressa,  
desengonçada;  
anda, ciranda,  
desaustinada;  
range o soalho  
a cada passada,  
salta para a rua,  
corre açodada,  
galga o passeio,  
desce o passeio,  
desce a calçada,  
chega à oficina  
à hora marcada,  
puxa que puxa,  
larga que larga,  
puxa que puxa,  
larga que larga,  
puxa que puxa,  
larga que larga,  
puxa que puxa,  
larga que larga;  
toca a sineta  
na hora aprazada,  
corre à cantina,  
volta à toada,  
puxa que puxa,  
larga que larga,  
puxa que puxa,  
larga que larga,

*puxa que puxa,  
larga que larga.  
Regressa a casa  
é já noite fechada.*

*Luísa arqueja  
pela calçada.  
Anda, Luísa,  
Luísa, sobe,  
sobe que sobe,  
sobe a calçada,  
sobe que sobe,  
sobe a calçada,  
sobe que sobe,  
sobe a calçada.  
Anda, Luísa,  
Luísa, sobe,  
sobe que sobe,  
sobe a calçada.*

in "Teatro do Mundo"

### **Fala do Homem Nascido**

*(Chega à boca da cena, e diz:)*

*Venho da terra assombrada,  
do ventre de minha mãe;  
não pretendo roubar nada  
nem fazer mal a ninguém.*

*Só quero o que me é devido  
por me trazerem aqui,  
que eu nem sequer fui ouvido  
no acto de que nasci.*

*Trago boca para comer  
e olhos para desejar.  
Com licença, quero passar,  
tenho pressa de viver.  
Com licença! Com licença!  
Que a vida é água a correr.  
Venho do fundo do tempo;  
não tenho tempo a perder.*

*Minha barca aparelhada  
solta o pano rumo ao norte;  
meu desejo é passaporte  
para a fronteira fechada.  
Não há ventos que não prestem  
nem marés que não convenham,  
nem forças que me molestem,*

correntes que me detenham.

Quero eu e a Natureza,  
que a Natureza sou eu,  
e as forças da Natureza  
nunca ninguém as venceu.

Com licença! Com licença!  
Que a barca se fez ao mar.  
Não há poder que me vença.  
Mesmo morto hei-de passar.  
Com licença! Com licença!  
Com rumo à estrela polar.

in "Teatro do Mundo"

### **Poema da Memória**

Havia no meu tempo um rio chamado Tejo  
que se estendia ao Sol na linha do horizonte.  
Ia de ponta a ponta, e aos seus olhos parecia  
exactamente um espelho  
porque, do que sabia,  
só um espelho com isso se parecia.

De joelhos no banco, o busto inteiriçado,  
só tinha olhos para o rio distante,  
os olhos do animal embalsamado  
mas vivo  
na vítrea fixidez dos olhos penetrantes.  
Diria o rio que havia no seu tempo  
um recorte quadrado, ao longe, na linha do horizonte,  
onde dois grandes olhos,  
grandes e ávidos, fixos e pasmados,  
o fitavam sem tréguas nem cansaço.  
Eram dois olhos grandes,  
olhos de bicho atento  
que espera apenas por amor de esperar.

E por que não galgar sobre os telhados,  
os telhados vermelhos  
das casas baixas com varandas verdes  
e nas varandas verdes, sardinheiras?  
Ai se fosse o da história que voava  
com asas grandes, grandes, flutuantes,  
e poisava onde bem lhe apetecia,  
e espreitava pelos vidros das janelas  
das casas baixas com varandas verdes!  
Ai que bom seria!  
Espreitar não, que é feio,

mas ir até ao longe e tocar nele,  
e nele ver os seus olhos repetidos,  
grandes e húmidos, vorazes e inocentes.  
Como seria bom!

Descaem-se-me as pálpebras e, com isso,  
(tão simples isso)  
não há olhos, nem rio, nem varandas, nem nada.

in 'Poemas Póstumos'

### **Poema da Morte na Estrada**

Na berma da estrada, nuns quinhentos metros,  
estão quinhentos mortos com os olhos abertos.

A morte, num sopro, colheu-os aos molhos.  
Nem tiveram tempo para fechar os olhos.

Eles bem sabiam dos bancos da escola  
como os homens dignos sucumbem na guerra.  
Lá saber, sabiam.  
A mão firme empunhando a espada ou a pistola,  
morrendo sem ceder nem um palmo de terra.

Pois é.  
Mas veio de lá a bomba, fulgurante como mil sóis,  
não lhes deu tempo para serem heróis.

Eles bem sabiam que o último pensamento  
devia estar reservado para a pátria amada.  
Lá saber, sabiam.  
Mas veio de lá a bomba e destruiu tudo num só momento.  
Não lhes deu tempo para pensar em nada.

Agora,  
na berma da estrada, nuns quinhentos metros,  
são quinhentos mortos com os olhos abertos.

in 'Linhas de Força'